

O CONCEITO DE REDUÇÃO ESTRUTURAL NA CRÍTICA LITERÁRIA DE ANTONIO CANDIDO

THE CONCEPT OF STRUCTURAL REDUCTION IN THE LITERARY CRITIQUE OF ANTONIO CANDIDO

CARVALHO, Francisca Fernanda de Sales Taveira¹

RESUMO: O presente artigo apresenta o conceito de *redução estrutural* na crítica literária de Antonio Candido. Para tanto, foram analisados três ensaios referentes a obras da literatura nacional: “De cortiço a cortiço”, “Crítica e sociologia” e “Dialética da malandragem”. A partir deles, investigou-se como se dá o processo de formalização em cada obra, construindo assim uma compreensão acerca da estrutura literária e suas relações com a internalização, no romance, de aspectos externos à obra.

PALAVRAS-CHAVE: Antonio Candido, Redução estrutural, Internalização do externo.

ABSTRACT: This abstract presents a summary of literary analysis papers based on reviews written by Antonio Candido. For that, three of his essays were analyzed: “De cortiço a cortiço”, “Crítica e sociologia” and “Dialética da malandragem”. From these studies, it was possible to investigate the formalization process in each work, constructing the comprehension around the literary structures and the aspects surrounding the essence of the novels.

KEYWORDS: Antonio Candido, Structural reduction, Internalization of the external.

INTRODUÇÃO

¹ Licenciada em Letras – Língua Portuguesa pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, Campus São Sebastião, DF - nandasales28@gmail.com

O estudo da literatura é um campo vasto e bastante controverso. Os modos como a literatura é abordada trazem não apenas uma metodologia, mas toda uma visão de mundo dos críticos, bem como o reflexo do espírito da época em que os estudos são estabelecidos. Na medida em que o contexto social e os paradigmas de pensamento são modificados, também as ideias sobre literatura e seus estudos se transformam.

No desenvolvimento dos estudos literários, as relações entre literatura e sociedade sempre foram recorrentes e ainda hoje são pautas para discussão. No Brasil, os anos 50 trouxeram o advento das universidades e um debate maior e mais especializado sobre a literatura. É nesse contexto que surgem os trabalhos de Antonio Candido, que apresenta novos parâmetros para se olhar o texto literário e para o exercício da crítica.

Antonio Candido observava como os temas sociais entravam na literatura a partir da estrutura literária, não apenas como conteúdo. Antonio Candido de Mello e Souza nasceu em 1918, no Rio de Janeiro. Foi sociólogo, crítico literário e ensaísta. Formou-se em 1937, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) e concluiu seu doutorado de Ciências Sociais em 1954. Foi professor emérito da USP e da Universidade Estadual Paulista (Unesp). É autor do livro *Formação da Literatura Brasileira* (1959) e ganhador de vários prêmios, como o Camões. Crítico notável, dedicou-se à literatura brasileira, não apenas como teórico, mas também como expoente analítico da literatura comparada, investigando-as como representações de nossa sociedade. Antonio Candido faleceu aos 98 anos, em maio de 2017.

Nas discussões da crítica literária, as relações entre literatura e sociedade são ponto fundamental e polêmico de análise. De acordo com a época e o pensamento em voga, os críticos se sentem mais propensos a estreitar esta relação ou quebram o vínculo, concentrando-se apenas nos textos literários. Entre as várias visões dessa relação, Antonio Candido apresenta o conceito de *redução estrutural*, entendido como “o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo” (CANDIDO, 2015, p. 9).

Aparentemente bem estruturado e claro, este conceito traz toda uma visão de mundo que define a abordagem do texto literário, tendo sido criado em resposta a outras visões metodológicas extremas que oscilam entre a sociologia e o formalismo puro. Nesse sentido, apresentaremos a discussão feita por Antonio Candido acerca das relações entre o estudo literário e a sociologia no ensaio “Crítica e sociologia” (2014), que explicitam a visão do autor,

materializada no conceito de *redução estrutural*. Para tanto, analisaremos como a crítica literária vem tratando as relações entre literatura e sociedade e como se influenciam. Adiante analisaremos o conceito exposto no ensaio “Dialética da malandragem” (2015). Por fim, analisaremos o termo em questão, desenvolvido no ensaio “De cortiço a cortiço” (2015).

A partir da leitura e análise destes ensaios e do desenvolvimento da discussão apresentada, pretende-se perceber como a obra literária e a realidade social se interligam e, mesmo independentes, ambas atuam uma sobre a outra. Entendendo que a arte tanto influencia a sociedade quanto é influenciada por ela, Antonio Candido desenvolveu importantes estudos que estreitam as relações entre Literatura e Sociedade.

1. INTERNALIZAÇÃO DO EXTERNO

2.1. Antonio Candido e seu método

Davi Arrigucci Jr. (1992), em um ensaio no qual reflete sobre o modo como Antonio Candido produz sua crítica literária, ressalta um aspecto importante: o papel fundamental que Antonio Candido atribui ao momento da leitura.

Arrigucci Jr. (1992) observa que Candido se colocava contra um novo dogmatismo que se impunha na crítica da época, ao se desacreditar a eficácia das impressões pessoais na crítica, defendendo o impressionismo crítico. Outro ponto ressaltado por Arrigucci Jr. é a linguagem com a qual Candido expõe a sua crítica: “De conversa culta e requintada, por certo, mas com grande naturalidade, sem nenhuma pompa ou atavio, e com um vivo desejo de pronta comunicação [...]” (1992, p. 182).

Seus ensaios, desse modo, se configuram como um diálogo com o outro, em que se pode trabalhar o conhecimento de uma forma simples e que pode ser comunicada com facilidade. Para Arrigucci Jr., esse movimento se constitui como em “um ato político, num meio em que poucos têm acesso à cultura e em que a retórica da complicação do discurso pode funcionar como instrumento de dominação política ou da mais solene mistificação” (1992, p. 185). Une-se, assim, a crítica literária dialética, pautada no pensamento marxista, à ação política, evitando as incoerências entre discurso e prática.

O modo de ler de Antonio Candido evidencia, segundo Arrigucci Jr. (1992), o valor fundamental que o ensaísta atribui à mobilidade do espírito e à variação dos ângulos de enfoque no ato crítico, unidos ao conhecimento e à consciência histórica. Arrigucci Jr. afirma, nesse sentido, que essa abordagem exige, pois, uma combinação da análise formal e da análise fatorial, ou seja, a apreciação de fatores psíquicos e sociais que contribuíram para a obtenção de uma crítica harmônica, já que o texto integra elementos internos e externos numa unidade coerente. Nesse sentido,

Esta [a coerência] é em parte resultante da organização formal ou interna, da síntese dos múltiplos elementos e fatores que dá fisionomia ao texto, garantindo sua autonomia, de modo que pode ser descoberta pela análise. Mas, em parte, ela é também uma invenção do leitor crítico, que, fazendo uso de seu arbítrio, com base na intuição, investiga, analisa, escolhendo um caminho interpretativo e explicativo (ARRIGUCCI JR., 1992, p. 190).

Essas relações estão intimamente ligadas ao processo de leitura e compreensão, evitando que se reduza o método crítico a técnicas de descrição formalista, além de possibilitar maior liberdade para ver o social em sua pertinência com relação ao estético.

A visão de leitor e o modo como arquiteta a sua crítica, utilizando uma linguagem acessível, refletem na análise que João Alexandre Barbosa (1998) fez do método crítico de Antonio Candido. A partir da leitura de três ensaios de Candido, Barbosa (1998, p. 56) ressalta o que chama de “uma coerência de base teórica que nada tem a ver com certezas absolutas ou ortodoxias críticas”, o que garante a fluidez e o alcance do trabalho de Candido.

Barbosa (1998) afirma que é através da integração dos elementos internos e externos que Candido possibilita uma crítica mais expressiva, não se limitando aos condicionamentos sociais ou históricos, mas incluindo aqueles de ordem psicológica. Nesse momento, o pesquisador aponta que no livro de Candido publicado em 1964, *Tese e antítese*, o crítico mostra como ocorre a transformação de elemento externo em interno, desenvolvendo o que chamará de redução estrutural dos dados externos:

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar na matéria do livro a expressão de uma certa época ou de uma sociedade

determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo (CANDIDO apud BARBOSA, 1998, pp. 55-56).

Está posto o elemento central do método de Antonio Candido, que conseguirá mediar o problema dialético fundamental da crítica literária: a internalidade e a externalidade do objeto literário, ou seja, as questões concernentes aos fatores exteriores e interiores da literatura.

1.2. Crítica e sociologia: Antonio Candido e as relações entre literatura e sociedade

No ensaio “Crítica e sociologia” (2014), Antonio Candido discorre sobre a relação entre a obra e o seu condicionamento social. Depois de apontar as querelas existentes nos estudos literários acerca dessa relação, o pesquisador observa que “[...] o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (2014, p. 14).

Desse modo, não se busca analisar o fator social em si mesmo, mas relacionando-o à construção da narrativa. A partir das reflexões de Lukács, Candido apresenta o núcleo do problema: “seria o elemento sociológico na forma dramática apenas a possibilidade de realização do valor estético (...), mas não determinante dele?”¹. A investigação se daria, então, do seguinte modo:

[...] tomando o fator social, procuraríamos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, ideias), que serve de veículo para conduzir a corrente criadora (nos termos de Lukács, se apenas possibilita a realização do valor estético); ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte (nos termos de Lukacs, se é determinante do valor estético) (CANDIDO, 2014, pp. 14-15).

Esse movimento de análise permite que o crítico chegue “a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte” (2014, p. 17). Tal interpretação assimila

¹ LUKACS, 1961 apud CANDIDO, 2014, p. 14.

não apenas dimensão social, mas todas as dimensões possíveis de serem analisadas em uma obra literária. As categorizações da crítica (crítica sociológica, psicológica, linguística) deixam de existir, pois faz-se apenas crítica, em que todas essas dimensões têm igual peso e importância no entendimento do texto literário.

A análise sociológica, desse modo, teria um sentido totalmente diferente do que se tem feito tradicionalmente, entendida como o apontamento das dimensões sociais abarcadas em uma obra literária. Antonio Candido apresenta alguns dos tipos de estudos sociológicos em literatura, a saber:

1. Método tradicional do século XVIII, em que se procura relacionar o conjunto de uma literatura, um período, um gênero, com as condições sociais. Há problemas quando o estudioso utiliza a obra como pretexto para apontar os problemas sociais (págs. 18, 19).

2. Os estudos que “procuram verificar a medida em que as obras espelham ou representam a sociedade, descrevendo os seus vários aspectos” (p. 19). Este método tende mais à sociologia elementar.

3. Estudo da relação entre a obra e o público, como seu destino, sua aceitação e a ação recíproca de ambos.

4. Crítica genérica, em que se estuda “a posição e a função social do escritor, procurando relacionar a sua posição com a natureza da sua produção e ambas com a organização da sociedade” (p. 20).

5. Investigação da “função política das obras e dos autores, em geral com intuito ideológico marcado” (p. 20).

6. “Investigação hipotética das origens, seja da literatura em geral, seja de determinados gêneros” (p. 21).

Antonio Candido não desconsidera a importância de nenhuma dessas análises, mas observa que elas servem para o historiador ou para o sociólogo; para o crítico, que interpreta a obra, elas são pertinentes na medida em que são consideradas de acordo com as funções que exercem na economia interna da obra.

Em “Crítica e sociologia” há o desenvolvimento da ideia de *redução estrutural*, aguçando uma discussão de como a sociologia e a crítica literária podem confluir sem perder a noção da especificidade estética da literatura.

Para chegar a esses princípios de abordagem do texto literário, Antonio Candido precisou mediar a querela entre as duas formas de abordagem extremistas até então em voga: ou o estudo da forma como estatuto decisivo e superior de sentido do texto; ou a identificação de aspectos da realidade no conteúdo da obra, sem maiores desenvolvimentos acerca de seus aspectos estéticos. Nesse sentido, o método de Antonio Candido mostra um meio termo entre esses dois extremos, além de caminhar entre a crítica especializada e a impressão de leitor.

Candido afirma que a *redução estrutural* é o processo por meio do qual a sociedade é internalizada na obra para constituir a sua estrutura. Em “Crítica e sociologia” o crítico nos dá o exemplo de *Senhora* (2013), ao percebermos o externo de forma mais evidente: relações sociais, costumes da época, caracterização histórica, etc. Por outro lado, um pouco mais profundo, temos a observação do tema, a compra de um marido, ou seja, uma crítica ao casamento por interesse. Mas, para Candido, isso não explica a obra. Essa é apenas a compreensão da relação entre o romance e a sociedade. É necessário entendermos como esse elemento social, no caso o casamento por interesse, está constituindo a estrutura da obra, atuando como princípio estruturante.

Outro passo importante é a identificação de como esse tema do casamento por interesse, em *Senhora*, incide sobre toda a composição. Para Candido, toda a obra é composta por essa transação comercial. Essa transação, porém, não ficou apenas no nível do tema, do assunto, ela passou a operar no nível da estruturação da forma. Os diálogos são representativos de um movimento de negociação, como o estilo é contaminado por essa temática da compra e venda. Identificamos que o elemento social do casamento por interesse não funciona apenas como assunto ou tema, mas funciona internamente, como princípio estruturante.

2. CRÍTICA EM MOVIMENTO

2.1. A Dialética da malandragem e a *redução estrutural*

O pensamento de Antonio Candido (2015) acerca das relações entre literatura e sociedade estão presentes, de modo prático, na sua crítica. O conceito de *redução estrutural*, ao analisar obras que tratam do Realismo e do Naturalismo, investiga como esses dois estilos apresentam características específicas que colocam em pauta as questões de representação na arte.

Nesse sentido, Antonio Candido busca explorar como as questões sociais e culturais (externas ao texto) são incorporadas na obra literária. Seu estudo, no entanto, não tenta explicar

o texto como representação direta da realidade extraliterária; ao contrário, leva em consideração o imaginário e o simbolismo próprio das artes, bem como os aspectos estéticos que estruturam o conteúdo em uma forma específica.

No ensaio “Dialética da Malandragem”, publicado pela primeira vez em 1970, Antonio Candido faz um estudo do romance *Memórias de um sargento de milícias* (1855), de Manuel Antonio de Almeida. O estudioso apresenta as críticas feitas ao romance até então, que o vinculam ao romance de costumes e ao romance picaresco, e estabelece como este romance apresenta “o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca de seu tempo, no Brasil” (CANDIDO, 2015, p. 22).

A visão de *Memórias* como um romance picaresco foi difundido por Mário de Andrade e, posteriormente, foi sistematizado por Josué Montello. Antonio Candido afirma, no entanto, que Josué Montello não conseguiu provar a filiação deste romance com os personagens picarescos espanhóis típicos. Apesar de algumas afinidades, Candido demonstra que as diferenças entre Leonardo Filho e os heróis pícaros são maiores, não podendo colocá-lo nessa categorização. O ponto principal de diferença apresentado pelo crítico é que falta a Leonardo Filho o choque áspero com a realidade que, segundo ele, é o que levaria à mentira, à dissimulação e ao roubo.

Este traço é importante por ser o aspecto principal de diferença entre o pícaro e o malandro. O choque com a realidade constitui, segundo Candido, a maior desculpa que justifica as “picardias”: a humildade da origem e o desamparo, associados à sua ingenuidade, configuram um espaço em que o protagonista vai se tornando esperto e sem escrúpulos, mas no sentido de garantir a sua sobrevivência frente à brutalidade da vida. A caracterização de Leonardo é o oposto:

Como os pícaros, ele vive um pouco ao sabor da sorte, sem plano nem reflexão; mas ao contrário, deles nada aprende com a experiência. De fato, um elemento importante da picaresca é essa espécie de aprendizagem que amadurece e faz o protagonista recapitular a vida à luz de uma filosofia desencantada. Mais coerente com a vocação de fantoche, Leonardo nada conclui, nada aprende; e o fato de ser o livro narrado na terceira pessoa facilita esta inconsciência, pois cabe ao narrador fazer as poucas reflexões morais, no geral levemente cínicas e em todo o caso otimistas, ao contrário do que ocorre

com o sarcasmo ácido e o relativo pessimismo dos romances picarescos (CANDIDO, 2015, p. 23).

Já a ideia do livro das *Memórias* como um romance de costumes parte de 1894, com José Veríssimo, colocando-o como precursor do Realismo. Mário de Andrade o afasta, em 1941, da corrente média das literaturas, negando seu caráter precursor e o caracterizando como um romance marginal ao lado dos romances picarescos, como explicado anteriormente. Darcy Damaceno, por sua vez, em 1956, rejeitou estas posições, definindo as *Memórias* como um romance de costumes não vinculado ao realismo, por conta da sua carga de imaginação e de improviso. Antonio Candido observa, no entanto, que o romance em questão traz uma forma específica de figurar os costumes.

Segundo o crítico, o malandro de *Memórias* é um tipo especial, pois corresponde a uma tradição folclórica e popular típica do Brasil da época. Além disso, este tipo de malandro se afasta do pícaro por praticar a astúcia pela astúcia, “manifestando um amor pelo jogo-em-si que o afasta do pragmatismo dos pícaros, cuja malandragem visa quase sempre ao proveito ou a um problema concreto, lesando frequentemente terceiros na sua solução” (CANDIDO, 2015, p. 26). Tais características estão presentes, segundo o crítico, nos astuciosos populares, como Pedro Malasarte. Há, ainda, a presença de arquétipos, como a frase padrão dos contos da carochinha ou as personagens designadas pela posição no grupo ou pela profissão.

Nesse sentido, há dois movimentos na configuração de *Memórias*. Inicialmente, um primeiro nível de estilização feita pelo romancista que consistiu em “extrair dos fatos e das pessoas um certo elemento de generalidade, que os aproximou dos paradigmas subjacentes às narrativas folclóricas” (CANDIDO, 2015, p. 28) e, posteriormente, a construção estética da obra, a partir dos esquemas literários. O primeiro movimento é o que caracteriza a redução de fatos e de indivíduos a situações e tipos gerais; concentrando-se no espírito da época, essa redução permitiu a aproximação da tradição folclórica popular. Assim sendo,

Poderíamos, então, dizer que a integridade das *Memórias* é feita pela associação íntima entre um plano voluntário (a representação dos costumes e cenas do Rio) e um plano talvez na maior parte involuntário (traços semi-folclóricos, manifestados sobretudo no teor dos atos e das peripécias). Como ingrediente, um realismo espontâneo e corriqueiro, mas baseado na intuição

da dinâmica social do Brasil na primeira metade do século XIX. E nisto reside provavelmente o segredo da sua força e da sua projeção no tempo (CANDIDO, 2015, p. 29).

Em sua análise, Antonio Candido aproxima o livro da realidade social da época, bem como da tradição brasileira. A partir desse enfoque, concluiu, concordando com Mário de Andrade, que não há realismo nesta obra em sentido moderno, mas um movimento mais profundo próprio da comicidade popularesca. Evita, dessa forma, uma crítica forçosa que não dá importância para a sociedade na qual o texto foi escrito na configuração do texto literário.

Através do modo como Manuel Antonio de Almeida recuperou estilisticamente os aspectos sociais, o romance alargou seus sentidos: não se trata apenas dos costumes do Rio de Janeiro da época, mas apresenta toda uma tradição popular que se alarga na sociedade brasileira da época e que o autor conseguiu recuperar na construção da sua narrativa.

Antonio Candido admoesta a tradição crítica de *Memórias*, geralmente naturalista e que vê o realismo a partir de uma concepção mecânica. Nesse momento, o teórico expõe o interesse da análise literária frente a romances como o analisado, introduzindo o conceito de *redução estrutural*:

Na verdade, o que interessa à análise literária é saber, neste caso, qual a função exercida pela realidade social historicamente localizada para constituir a estrutura da obra -, isto é, um fenômeno que se poderia chamar de **formalização ou redução estrutural dos dados externos** (CANDIDO, 2015, p. 28, grifo nosso).

Identifica no livro analisado, deste modo, duas formas de *redução estrutural* dos dados externos: uma que apresenta os elementos documentários de forma justaposta, cujos elementos constitutivos são desintegrados em relação à narrativa; e uma que, apesar de mostrar os elementos documentários, não o faz apresentando o documento em si, mas como parte constitutiva da ação “de maneira que nunca parece que o autor esteja informando ou desviando a nossa atenção para um traço da sociedade” (CANDIDO, 2015, p. 29-30).

A partir dessa visão, Antonio Candido apresenta uma forma diferente de observar a literatura. Roberto Schwarz (2002) observa o método de Antonio Candido como uma mudança

na crítica marxista em literatura. Segundo ele, a crítica marxista se pauta na dialética entre forma literária e processo social; no entanto, o resultado crítico no Brasil não era expressivo, geralmente vinculado a um dogmatismo e a jargões da conceituação do marxismo, sem maior profundidade. Seria a “Dialética da Malandragem”, de acordo com o estudioso, o primeiro estudo literário propriamente dialético.

Nesse sentido, Roberto Schwarz destaca que Antonio Candido, em sua análise de *Memórias*, identifica uma dialética da ordem e da desordem presente na realidade histórica que é reduzida estruturalmente na estrutura da literatura com um correlativo formal. O modo como se configura esse correlativo formal é, para Schwarz, a explicação da posição metodológica de Antonio Candido. Assim:

[...] a dialética de ordem e desordem é um princípio de generalização que organiza em profundidade tanto os dados da realidade quanto os da ficção (sejam ou não documentários), dando-lhes inteligibilidade. Trata-se de uma generalidade que participa igualmente da realidade e da ficção; está nas duas, que encontram nela a sua dimensão comum. Assim, o dado ficcional não vem diretamente do dado real, nem é deste que o sentimento da realidade na ficção depende, embora o pressuponha. Depende de princípios mediadores, geralmente ocultos, que estruturam a obra e graças aos quais se tornam coerentes as duas séries, a real e a fictícia (SCHWARZ, 2002, p. 133).

Daí a dialética da malandragem e a coerência entre realidade e ficção: o personagem malandro vive através de uma sabedoria específica, por meio da qual ele caminha entre os conflitos históricos. Como ele responde a uma estrutura superior, em busca de sobrevivência, suas ações geralmente não apresentam remorsos.

Antonio Candido (2015) analisa como o romance se aproxima das formas espontâneas da vida social e o modo como se articula com elas. Observa a singularidade que *Memórias* representa no conjunto da produção literária da época, posto que não se fixa em maniqueísmos moralizantes, indo da norma ao crime de forma fluida e sem julgamentos. Coloca em contraposição José de Alencar. Segundo ele,

[...] mesmo em livro tão voluntariamente crítico e social quanto *Senhora*, o estilo de Alencar acaba fechando a porta ao senso da realidade, porque tende

à linguagem convencional de um grupo restrito comprometido com uma certa visão de mundo; e ao fazê-lo, sofre o peso da sua data, fica peso demais as contingências do momento e da camada social, impedido que os fatos descritos adquiram generalidade bastante para se tornarem convincentes (CANDIDO, 2015, p. 45).

Devemos lembrar que o “tornar-se convincente” está associado à época em que foi escrito e que o crítico deve ter em mente. Nesse sentido, não basta que o conteúdo seja colocado em cena, como, por exemplo, o nacionalismo; a forma como este conteúdo será figurado é que definirá a importância ou não do texto literário. Desse modo, de acordo com Schwarz (2002, p. 135), “[...] a originalidade nacional implicada na forma das *Memórias* e explorada em ‘Dialética da malandragem’ é da ordem da estrutura. Trata-se da imitação de uma estrutura histórica por uma estrutura literária”.

Candido faz exatamente a leitura de como o romance de Manuel Antônio de Almeida se relaciona com o Rio de Janeiro, pois critica a visão de que é um romance documental, ao passo que a obra apaga a classe dirigente, a classe dos proprietários e aos escravos. Desse modo, para ser documental, não poderia deixar de fora essas duas classes principais da época. Esse romance consegue, por meio de sua forma, representar a dinâmica da vida social de uma camada da população. Que forma é essa? A dialética da malandragem. É a oscilação entre o mundo da ordem e da desordem, que é uma forma social por existir na sociedade. Essa camada de homens livres e pobres, que não são escravos, proprietários, dirigentes ou aristocracia, no entanto, vivem dependendo do favor e da malandragem para sobreviver. O princípio estruturante da obra é o movimento em que as personagens, por meio de suas ações, estão transitando entre a ordem a desordem.

Leonardo começa como vadio e termina como sargento de milícias. O major Vidigal, que é o grande representante da ordem, envolve-se com o concubinato. Logo, com muita facilidade, a ordem transita para a desordem e a desordem transita para a ordem. Esse é o movimento do romance. A dialética da ordem e da desordem é a mediação entre a forma literária e a forma social. Por meio desse movimento ocorre a internalização do externo. A *redução estrutural* aqui é posta como a transposição de todo um universo maior da vida social para uma estrutura literária, para uma forma ou estrutura estética.

2.2. De cortiço a cortiço

O movimento de análise de Antonio Candido também permite ver como se dá a *redução estrutural* em outras obras, além de *Memórias de um sargento de milícias*. O ensaio “De cortiço a cortiço” mostra em termos práticos como o crítico analisa as relações entre a obra literária e a sociedade nela representada. Segundo o crítico, deve-se procurar “a fórmula segundo a qual a realidade do mundo ou do espírito foi reordenada, transformada, desfigurada ou até posta de lado, para dar nascimento ao outro mundo” (CANDIDO, 2015, p. 108).

Essa ideia surge como um contraponto à noção da obra naturalista de transposição direta da realidade para a obra. Isso, para o crítico, seria impossível, pois não há como o escritor ficar diante da realidade “na situação de puro sujeito em face do objeto puro, registrando (teoricamente sem interferência de outro texto) as noções e impressões que iriam constituir o seu próprio texto” (2015, p.123). Essa “utopia de originalidade absoluta” coloca a construção estética literária em segundo plano, o que se torna um problema, pois é ela que define a obra como um todo articulado, um novo mundo que se refere ao mundo externo da obra, mas que possui, no entanto, suas próprias regras.

Para fazer essa análise, Antonio Candido parte da filiação de textos e da fidelidade aos contextos que, no caso do romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, traz a inspiração de *L’assommoir* (1890), de Émile Zola. O crítico identifica muitas situações que ocorrem em ambos os livros, mas observa que Aluísio quis reproduzir e interpretar a realidade que o cercava. Desse modo, *O cortiço* seria um romance bem realizado pelo encontro feliz de dois procedimentos, que o caracterizam como “texto primeiro na medida em que filtra o meio; texto segundo na medida em que vê o meio com lentes tomadas de empréstimo” (CANDIDO, 2015, p. 109). Abrangeria mais que o romance de Zola, pois também busca elementos em outras obras, adaptando-os às peculiaridades da sociedade figurada em seu livro. Há, desse modo, uma relação de liberdade e dependência entre a obra *O cortiço* e os livros anteriores que o inspiraram, principalmente *L’assommoir*.

Para Candido, o que determina a originalidade do romance de Aluísio Azevedo é a coexistência íntima do explorado e do explorador, tornada logicamente possível pela própria natureza elementar da acumulação num país que economicamente ainda era semicolonial. Nesse sentido, tal realidade não teria coerência no contexto francês, em que o processo econômico

distanciou trabalhador e capitalista. Assim, “a consciência das condições próprias do meio brasileiro interferiu na influência literária, tornando o exemplo francês uma fórmula capaz de funcionar com liberdade e força criadora em circunstâncias diferentes” (CANDIDO, 2015, p. 111).

Entra em jogo a noção de adequação nacional, em que se utiliza um modelo específico pautado em princípios gerais, mas adaptado às situações nacionais da sociedade representada. Roberto Schwarz (1999), analisando o ensaio de Antonio Candido, afirma que o crítico apresenta o problema da constituição do romance: ela se dá a partir dos estímulos diretos da realidade ou seria a transformação de romances anteriores? Para Candido, “os dois processos coexistem, e a sua combinação é regulada, caso a caso, por uma fórmula singular, a qual é a chave da individualidade e da historicidade da obra” (SCHWARZ, 1999, p. 28).

Nesse caso, em *O Cortiço*, a chave da obra seria um dito corrente no Rio de Janeiro da época em que “para o português, negro e burro, três pês: pão para comer, pano para vestir, pau para trabalhar” (SCHWARZ, 1999, p. 31). Antonio Candido analisa esse dito, observando que sua estrutura, a partir de um jogo combinatório, faz uma equivalência degradante entre burro, negro e português, sustentada pela noção pejorativa acerca do trabalho que a sociedade escravista possuía.

Tal jogo está em mostrar a confusão da sociedade da época através do próprio enunciado, associando homem e animal e estendendo o mundo do primeiro para o segundo e o mundo do segundo para o primeiro. Esse homem não seria qualquer homem: é o trabalhador. Antonio Candido demonstra, assim, que o dito revê uma confusão sociológica relativa às formas de trabalho da época, em que o homem era confundido com o animal (o burro) e tratado a partir dessa associação.

Tem-se a animalização do português trabalhador, assim como do negro. No entanto, o português consegue subir de classe social através da exploração do trabalho do negro; o negro, no entanto, está confinado às camadas sociais inferiores, independentemente de ter sido escravizado ou liberto. A acumulação de dinheiro e a formação da riqueza individual acabam sendo o mote para *O cortiço*, romance que, segundo Candido, foram tomados pela primeira vez como eixo de composição ficcional, mostrando a redução de todos à condição de animal. Assim,

[...] a redução biológica do Naturalismo vê todos, brancos e negros, como animais. E sobretudo que a descrição das relações de trabalho revela um nível

mais grave de animalização, que transcende essa redução naturalista, pois é a própria redução do homem à condição de besta de carga, explorada para formar o capital dos outros (2015, p. 116).

As relações entre a natureza e o mundo social são constantes no livro analisado por Candido, apresentadas através da dialética do *espontâneo* e do *dirigido*. Segundo o crítico, o espaço do cortiço seria regido por uma lei biológica no início do romance, crescendo de forma espontânea e sendo descrito a partir de imagens orgânicas. Aos poucos, quando é reorganizado depois do incêndio por João Romão, sua descrição é mecânica. Essa passagem do espontâneo ao dirigido, para Candido, seria imagem da “acumulação do capital, que disciplina à medida que se disciplina, enquanto o sistema metafórico passa do orgânico da natureza para o mecânico do mundo urbanizado” (2015, p. 118).

Nesse ponto o crítico apresenta o problema do realismo enquanto forma descritiva da realidade observável, em contraponto com o que ele chama de realismo alegórico, em que há um outro plano de significado nas descrições da vida cotidiana apresentadas na narrativa. Candido defende que a utilização do realismo alegórico é o elemento de força tanto no livro de Aluísio quanto no livro de Zola. A partir da relação MEIO – RAÇA – BRASIL, que seria pensada por teóricos da época, se deu para Aluísio a seguinte relação: Natureza tropical do Rio – Raças e tipos humanos misturados – Cortiços. A coexistência de tipos raciais e as relações que possuem determinadas pela natureza culminam nos cortiços. Para Candido,

[...] o cortiço ganha significado diferente do que tinha em Zola, pois em vez de representar apenas o modo de vida do operário, passa a representar, através dele, aspectos que definem o país todo. E como solução literária foi excelente, porque graças a ele o coletivo exprime a generalidade do social (2015, p. 138).

Assim, o brasileiro é apresentado como massa desorganizada que deve ser dominada e explorada pelo português, raça voltada para a organização e para a racionalidade. Os dois portugueses colocados em ambiente brasileiro – João Romão e Jerônimo – demonstram as duas formas de ambientação do estrangeiro no meio sedutor e envolvente do Brasil. Jerônimo é envolvido por Rita Baiana, passando por um processo de abrasileiramento; João Romão, ao contrário, domina a raça brasileira, a explora e consegue, desse modo, vencer as provocações.

Para Candido, o livro mostra como “o homem forte, o estrangeiro ganhador de dinheiro deve estar sempre vigilante, como única solução de chicote em punho e as distâncias marcadas com o nativo” (2015, p. 123).

Apesar dessas reduções e oposições, o crítico identifica um substrato que perpassa todas as personagens, independente da etnia ou das questões econômicas: a generalidade animal. Candido defende que essa redução à animalidade ocorre não apenas pela concepção científica do ser humano como síntese das funções orgânicas, mas também através de uma questão ética. Essas duas dimensões se imbricam, formando a linguagem concebida no livro e as imagens e relações de sentido.

Na leitura de Candido, a orientação científica, que tenciona dar uma interpretação objetiva do comportamento dos personagens, cria conotações valorativas. Desse modo, palavras utilizadas para nominar partes do corpo de animais sendo usadas para descrever seres humanos coloca lado a lado esses seres, alterando a visão moral de que o ser humano era especial e eleito. A objetividade do naturalismo é quebrada também em outros momentos. Candido aponta outra intromissão moral: a visão fisiológica se transformando em obscenidade. Segundo o crítico, em muitos momentos isso se coloca não apenas como constatação da vulgaridade das relações humanas, mas também como uma reprovação do que deveria ser considerado natural.

Além disso, Candido aponta uma outra diferença na abordagem naturalista de Aluísio Azevedo. O escritor de *O cortiço* suspenderia o curso da mimese para entrar no campo do simbólico e da alegoria, recorrendo, inclusive, ao sonho. O sentido de cunho alegórico utilizado por Aluísio modifica as relações entre ficção e realidade, alterando a economia do texto, bem como o seu alcance. Nesse sentido,

O fato de ser brasileiro levou Aluísio a interpor uma camada mediadora de sentido entre o fato particular (cortiço) e o significado humano geral (pobreza, exploração).

Em *L'Assommoir*, a história de *Gervaise* nos conduz diretamente à experiência mental da pobreza, sendo o cortiço e o bairro ingredientes graças aos quais ela é particularizada e determinada. Mas no livro de Aluísio, entre a representação concreta particular (cortiço) e a nossa percepção da pobreza se interpõe o Brasil como intermediário. Essa necessidade de representar o país por acréscimo, que não se impunha a Zola em relação à França, diminui o alcance

geral do romance de Aluísio, mas aumenta o seu significado específico (CANDIDO, 2015, p. 131).

Nesta análise de *O cortiço*, Antonio Candido recuperou as questões sociais em vários sentidos: a configuração social e o pensamento em voga na época da escrita do livro; as influências literárias; as questões do campo literário no que diz respeito ao Romantismo e ao Naturalismo, a configuração própria do Naturalismo e sua configuração enquanto resposta ao Romantismo. Todos esses pontos, no entanto, foram analisados a partir da construção literária do texto.

Em estudo sobre as questões de originalidade e adequação, Roberto Schwarz (1999) analisa a forma como Antonio Candido faz a sua crítica. Schwarz observa que há um desvio expositivo no ensaio de Candido, pois ele sai das questões propriamente literárias para explorar o dito mencionado no livro de Aluísio. Para tanto, ele se aventura em uma análise da sociedade do Rio de Janeiro da época, as relações entre as raças e as condições de trabalho. A interpretação que Schwarz dá para esse desvio é que ele tem como objetivo “comprovar a existência *extraliterária* da posição que comanda o enfoque do romance” (1999, p. 32). Essa comprovação não se dá, no entanto, a partir de um reducionismo do fenômeno literário ao fato sociológico; ao contrário, a intimidade com o livro é que permitiu observar a necessidade de buscar em outros espaços elementos para auxiliar a interpretação da obra literária.

O sistema de relações sociais pressuposto é explicitado por Candido. Desse modo, ele expõe a lógica que possibilita tanto a criação do dito popular quanto do próprio romance. Essa lógica seria a figura do brasileiro nato, livre, ocioso e presumidamente branco em oposição ao português trabalhador e ao negro escravizado. Nas palavras de Schwarz,

[...] notemos apenas que este prisma, engendrado por uma história social particular, e articulado com as linhas básicas de sua configuração, é uma *forma* objetiva, capaz de pautar tanto um romance como uma fórmula insultuosa, um movimento político ou uma reflexão teórica, *passíveis de confronto através da reconstrução daquela condição prática mediadora* (SCHWARZ, 1999, p. 35).

A partir dessas considerações, Schwarz observa que a forma articula relações histórico sociais. Nesse sentido, a historicidade é a substância própria das obras, que deve ser explorada pelo crítico. Acrescenta-se, nesse momento, a crítica que o pesquisador faz às formas de análises literárias que centram suas atividades na forma de modo isolado, apequenando suas possibilidades de interpretação e exploração por conta da exclusão do caráter histórico.

Esse movimento pode ser feito, segundo Schwarz, através da “sensibilidade político moral” (1999, p. 38), aliada à erudição (tanto literária quanto histórica). É esta sensibilidade que permite interpretações do tipo encontrada na aproximação que Candido fez entre o dito dos três pês e a organização de *O cortiço*. Schwarz ressalta que, mesmo estando em um ambiente acadêmico cuja discussão principal à época era o método, Antonio Candido “encontra o seu lugar próprio no enfrentamento literário-ideológico-político sobre a natureza da experiência social brasileira” (1999, p. 38, 39).

Tal tipo de ação se torna especialmente importante quando se considera a noção de *redução estrutural* de dados externos à literatura: quando o crítico se exime de fazer as relações sociais e históricas, perde-se a construção de sentido do texto. Schwarz (1999) ressalta que, na redução estrutural, a sociedade aparece como elemento interno ativo na narrativa, e não como um simples dado de enquadramento da ação narrativa. A configuração da sociedade, as relações concretas, o estabelecimento do simbólico e do imaginário, as especificidades de linguagem que se desenvolvem no meio social, todos esses elementos estarão também presentes na construção literária, na configuração própria da forma. Desse modo,

Tomada como invólucro da literatura, a sociedade desempenha um papel de enquadramento, que seria despropósito desconhecer. Mas concebida como força interna, encapsulada num dispositivo formal com desdobramento autônomo, a sua lógica escapa à comparação externa, para produzir uma verossimilhança sem parte com as noções e os limites aceitos. Os dois funcionamentos são reais, e a preferência pelo segundo traduz o interesse pela sondagem de forças organizadoras profundas. Paradoxalmente, é sob esse aspecto desprovido de aval empírico imediato que a obra tem parte – a especificar – com os desdobramentos do mundo (SCHWARZ, 1999, p. 42).

A partir dessa dinâmica, Antonio Candido pode observar os desdobramentos ideológicos, os preconceitos de classe, os jogos sociais figurados no romance, bem como o seu papel da configuração artística no plano da intriga. Faz-se, desse modo, a ligação entre sociedade e literatura tanto no plano da escrita quanto no plano da crítica literária, e a noção de *redução estrutural* permite que esse jogo seja desvelado.

A *redução estrutural* de dados externos à literatura, portanto, é o movimento feito pelo escritor em que os aspectos extraliterários são captados e configurados na obra literária a partir de sua estrutura, e não apenas como conteúdo. É necessário, pois, vincular a análise estrutural à análise sociológica, pois ambas se completam para abrir um leque maior de interpretações possíveis para o texto literário.

O romance de Aluísio consegue internalizar o processo brasileiro de acumulação primitiva, racismo, violência, etc. Conseqüentemente, a *redução estrutural* não é um método crítico, é um movimento de passagem do externo para o interno, ou seja, um processo estético. É o modo de ser da obra e como ela se constitui. O crítico tem como propósito explicar a obra, não a sociedade. Obviamente, ele precisa estudar a sociedade para entender como é que se dá a passagem do externo para o interno, dentro da obra, jamais fora dela.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antonio Candido mostra as relações entre realidade e narrativa, mas não apenas no discernimento do conteúdo, e sim como aspectos da realidade influenciam na composição da narrativa, também no nível da organização e da forma (ou da construção estética). Também o faz analisando comparativamente obras do Naturalismo, Realismo e Romantismo, vendo suas recorrências e rupturas. Entender o contexto de produção também auxilia na compreensão das várias dimensões da escrita literária.

Segundo o pesquisador, os estudos sociológicos na literatura consideravam que:

[...] a obra era essencialmente uma transposição direta da realidade, como se o escritor conseguisse ficar diante dela na situação de puro sujeito em face do objeto puro, registrando (teoricamente sem interferência de outro texto) as noções e impressões que iriam constituir o seu próprio texto (CANDIDO, 2015, p. 107).

Quando os estudos consideram a *redução estrutural* na obra, ao contrário, ela é observada como objeto de construção humana, trazendo dentro de si as relações que a humanidade estabelece; os jogos sociais, suas contradições e problemáticas fazem parte não apenas da narrativa enquanto conteúdo, mas também da sua estrutura.

Levando em consideração que a obra literária é um mundo novo, com regras próprias, mas que se vincula com a realidade exterior a ela, Candido busca entender como “a realidade do mundo ou do espírito foi reordenada, transformada, desfigurada ou até posta de lado, para dar nascimento ao outro mundo” (CANDIDO, 2015, p. 107). Desse modo, busca abordar a literatura com “a visão que pudesse rastrear na obra o mundo como material, para surpreender no processo vivo da montagem a singularidade da fórmula segundo a qual é transformado no mundo novo, que dá a ilusão de bastar a si mesmo” (CANDIDO, 2015, p.108).

Em relação à crítica literária, interessante ressaltar o que diz Schwarz (2002, p. 140): “trata-se de ler o romance sobre fundo real e de estudar a realidade sobre fundo de romance, no plano das formas mais que dos conteúdos, e isto criativamente”. Essa visão define a produção crítica realmente dialética. Nesse sentido, a *redução estrutural* do dado externo na estrutura da obra literária supera os problemas correntes na crítica sobre o estudo interno e externo da ficção, apresentados por Antonio Candido no ensaio “Crítica e sociologia”: os extremismos das análises limitam as possibilidades de relações e de conhecimento que a obra literária pode oferecer. Nesse sentido, entender a noção de *redução estrutural* é necessário na medida em que possibilita ampliar os horizontes da crítica literária.

Portanto, *redução estrutural* é um processo por meio do qual os elementos, em princípio externos, são internalizados na obra, enquanto estrutura. Nós, enquanto leitores, não devemos estudar a obra a partir de uma perspectiva paralelística, tentando encontrar correspondências imediatas e espelhadas, mas compreender na obra a sua relação com o exterior, de maneira abrangente e não limitada.

Significa dizer que a constituição da obra literária, enquanto um todo autônomo, carrega consigo aquilo que ela negou: a sociedade. E a sociedade vai importar, não como espelhamento ou tema, mas como princípio estruturante. O externo, ou social, importa do lado de dentro da obra, não do lado de fora. Explicar a sociedade não explica a obra, porém não há nada na obra que não derive da sociedade.

O que os estudos literários, com base no conceito de *redução estrutural*, podem nos oferecer, em termos de descoberta e interpretação da literatura e do mundo? Que a literatura é um produto nosso, é uma elaboração do nosso desenvolvimento enquanto sociedade. Candido estudou literatura e conseguiu explicá-la, bem como conseguiu explicar o mundo. O que isso nos ensina hoje? Nos ensina a entender que o conhecimento da estrutura literária, enquanto resultado do processo de *redução estrutural*, nos permite compreender qual a função que determinada obra exerce. Portanto, ao ter contato com a forma estética da obra, advinda desse processo, reconhecemos nela a sua importância, pois ela se estende a todos, numa linguagem universal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2013.
- ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2013.
- ARIGUCCI JR., Davi. Movimentos de um leitor. In: *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ARNT, G. A. G. *O problema da dialética entre forma e conteúdo na crítica literária de Antonio Candido*. No prelo
- AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2016.
- BARBOSA, João Alexandre. O método crítico de Antonio Candido. *Revista Cult*. Julho de 1998. (p. 50-57).
- CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. In: CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2015.
- _____. Crítica e sociologia. In: CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 13 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.
- _____. Dialética da Malandragem. In: CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2015.
- SCHWARZ, Roberto. Adequação nacional e originalidade crítica. In: SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras: ensaios*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. (p. 27-53).
- _____. Pressupostos salvo engano de “Dialética da Malandragem”. In: SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.